

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© Sarah J. Maas, 2012

Esta tradução de THRONE OF GLASS #1, Trono de Vidro (1.ª edição) é publicada pela Marcador Editora por acordo com Bloomsbury Publishing Inc. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Throne of Glass*

Título: *Trono de Vidro*

Autora: Sarah J. Maas

Tradução: Liliana Lavado

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Miguel Antunes

Mapa: © Kelly de Groot 2012

Ilustração de capa © Talexi

Imagem de Fundo © Shutterstock

Mapa: © Kelly de Groot 2012

Arranjo de Capa: Marina Costa/Marcador Editora

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-177-3

Depósito legal: 397493/15

1.ª edição: setembro de 2015

CAPÍTULO 1

Com um ano de trabalho escravo nas minas de sal de Endovier, Celaena Sardothien já se habituara a ser escoltada para todo o lado, algemada e ao toque da ponta de uma espada. Era o tratamento recebido por milhares de escravos em Endovier, embora Celaena tivesse sempre meia dúzia de guardas *extra*, que a acompanhavam no caminho de ida e volta das minas. Isto era o que esperava a assassina mais notável de Adarlan. O que ela não esperava, no entanto, era por um homem encapuzado de negro ao seu lado... como acontecia naquele momento.

Ele segurava-lhe no braço enquanto a encaminhava pelo edifício brilhante em que residia a maioria dos guardas e dos oficiais de Endovier. Marcharam ao longo de corredores, subiram escadas, voltas e mais voltas até que não tivesse qualquer hipótese de encontrar o caminho para fora dali.

Ou, pelo menos, seria essa a intenção da sua escolta, porque não lhe tinha passado despercebido quando subiram e desceram a mesma escada no espaço de escassos minutos; nem quando ziguezaguearam entre pisos, apesar de o edifício ser uma rede padronizada de corredores e de escadas. Como se ela se fosse desorientar assim, facilmente. Até podia sentir-se insultada, não fosse ele estar a esforçar-se tanto.

Entraram num corredor particularmente longo e silencioso, ouvindo-se apenas o rumor dos seus próprios passos. Embora o homem que lhe agarrava no braço fosse alto e bem constituído, ela não conseguia perceber nenhum dos seus traços, ocultos sob o capuz. Mais uma tática com o intuito de a confundir e intimidar. Provavelmente, as roupas pretas também faziam parte da encenação. A cabeça dele moveu-se na direção

dela e Celaena sorriu-lhe. Ele voltou a olhar em frente, a mão que a segurava apertou-a ainda mais.

Era lisonjeador, pensou ela, mesmo *não* sabendo o que se estava a passar, ou qual a razão que o levara a esperar por ela à saída do poço da mina. Depois de um dia a rachar sal das entranhas da montanha, encontrá-lo ali, de prontidão, com seis guardas, não lhe tinha melhorado o estado de espírito.

Mas as orelhas espetaram-se quando o ouviu apresentar-se ao capitão como Chaol Westfall, capitão da Guarda Real, e, de repente, o céu agitou-se, as montanhas empurraram-na, e até a Terra inchou em direção aos seus joelhos. Não sentia o sabor do medo há algum tempo — não se tinha *permitido* saborear medo. Todas as manhãs, ao acordar, repetia: *Não temerei*. Ao longo de um ano, aquelas palavras tinham feito a diferença entre quebrar e dobrar; tinham-na impedido de se dissolver na escuridão das minas. Algo que nunca permitiria que o capitão soubesse.

Celaena examinou a mão enluvada que lhe segurava o braço. O couro negro quase idêntico à sujidade na sua pele.

Com a mão livre, ajeitou a túnica rasgada e imunda que trazia vestida e prendeu um suspiro. Raramente vislumbra o sol — entrava nas minas antes do nascer do dia e saía depois de anoitecer. Era assustadoramente pálida sob a sujidade. Era verdade que em tempos havia sido atraente, linda até, mas... bem, agora nada disso importava, pois não?

Viraram para um outro corredor, e ela estudou o trabalho refinado da espada.

O cabo cintilante tinha a forma de uma águia em voo. Vendo o olhar dela, a mão enluvada desceu para descansar na cabeça dourada da águia. Um novo sorriso espreitou-lhe nos cantos dos lábios.

— Estás muito longe de Rifthold, capitão — disse, aclarando a garganta. — Vieste com o exército que ouvi a trotar por aí? — Celaena espreitou pela escuridão sob o capuz, mas não conseguiu ver nada. Ainda assim, sentiu-lhe os olhos pousados no rosto, a avaliar, a calcular, a testar.

Igualou-lhe o olhar. O capitão da Guarda Real seria um oponente interessante.

Talvez até digno de algum esforço da sua parte.

Finalmente, o homem elevou a mão da espada, e o tecido do capote caiu para esconder a lâmina. Com o movimento, espiou o dragão de ouro bordado na túnica. O Selo Real.

— Qual é o teu interesse nos exércitos de Adarlan? — perguntou ele. Quão maravilhoso era ouvir uma voz igual àquela — fria e articulada —, apesar de provir de um brutamontes perverso!

— Nada — disse, com um encolher de ombros. Ele soltou uma subtil rosnadela de irritação.

Oh, como seria agradável ver o sangue dele espalhar-se pelo mármore. Celaena tinha perdido a calma uma vez... em tempos, quando o seu primeiro capataz escolheu o dia errado para apertar com ela. Ainda se recordava da sensação de lhe enterrar a picareta nas entranhas, e do sangue pegajoso nas mãos e na cara. Podia desarmar dois guardas como aquele num piscar de olhos. Será que o capitão se sairia melhor do que o seu falecido capataz? Imaginando vários resultados possíveis, sorriu-lhe mais uma vez.

— Não olhes para mim dessa forma — avisou-a, e a mão dele deslizou de volta à espada. Celaena escondeu o sorriso. Cruzaram uma série de portas de madeira que ela já tinha visto alguns minutos antes. Se quisesse escapar, só teria de virar à esquerda no corredor seguinte e prosseguir pelas escadas abaixo por três andares. A única coisa que toda aquela tentativa de desorientação tinha conseguido fora familiarizá-la com o edifício. Idiotas.

— Onde é que disseste que vamos? — perguntou com doçura, ajeitando uma mecha de cabelo para longe do rosto. Quando ele não respondeu, ela cerrou o maxilar.

Os corredores ecoavam demasiado alto para o poder atacar sem alertar todo o edifício.

Ela não tinha visto onde ele tinha posto as chaves das suas algemas, e os guardas que os seguiam seriam um incómodo. Já para não falar nas algemas.

Entraram num corredor com lustres em ferro. Do lado de fora das janelas alinhadas na parede, a noite tinha caído; as lanternas iluminavam tão intensamente que poucas sombras eram deixadas para que se pudesse esconder nelas.

Vindo do pátio, ouvia os outros escravos a mover-se em direção ao edifício de madeira onde dormiam. Os gemidos de agonia entre o chocalhar das correntes produziam um coro tão familiar como as abomináveis canções de trabalho que cantavam durante todo o dia. O solo ocasional do chicote adicionado à sinfonia de brutalidade que Adarlan tinha criado para os seus maiores criminosos, para os cidadãos mais pobres e para as conquistas recentes.

Embora alguns dos prisioneiros fossem pessoas acusadas de tentar a prática de magia — não que eles o *conseguissem*, dado que a magia tinha desaparecido do reino —, naqueles dias, chegavam cada vez mais rebeldes a Endovier. Na sua maioria provenientes de Eyllwe, um dos últimos países ainda em luta contra o reinado de Adarlan. Mas quando os pressionava, querendo ter notícias, muitos apenas a fitavam com olhos vazios. Já derrotados. Estremecia ao considerar o que teriam suportado às mãos das forças de Adarlan. Por vezes, interrogava-se se não teria sido melhor que a morte já os tivesse encontrado nos cepos de decapitação. E se, também para si mesma, não teria sido melhor morrer naquela noite em que fora traída e aprisionada.

Mas Celaena tinha outras coisas em que pensar enquanto continuavam a caminhada. Será que, finalmente, iria ser enforcada? O estômago embrulhou-se-lhe. Ela *era* importante o suficiente para ver a sua execução emitida pelo capitão da Guarda em pessoa. Mas porquê trazê-la primeiro para o interior daquele edifício?

Por fim, pararam em frente de um par de portas de vidro vermelho e dourado, tão espessas que não era possível ver através delas. O capitão Westfall sacudiu o queixo na direção dos dois guardas que ladeavam cada uma das portas, e eles bateram as lanças em saudação.

A mão do capitão apertou-se no braço dela até provocar dor. Puxou Celaena para mais perto de si, mas os pés da prisioneira pareciam feitos de chumbo e ela puxou no sentido contrário.

— Preferes ficar nas minas? — perguntou, parecendo ligeiramente divertido.

— Se me explicassem o propósito de tudo isto, talvez não me sentisse tão inclinada a resistir.

— Descobri-lo-ás rapidamente.

As palmas das mãos dela ficaram húmidas. Sim, iria morrer. O momento tinha finalmente chegado.

As portas rangeram ao abrir e revelaram uma sala de trono. Um lustre com a forma de uma videira ocupava grande parte do teto, cuspidando sementes de diamante em fogo para as janelas no lado mais distante da sala. Quando comparado com a miséria que havia para lá daquelas mesmas janelas, a opulência sentia-se como uma bofetada no rosto. Uma lembrança do quanto beneficiavam do trabalho escravo.

— Aqui — rosnou o capitão da Guarda, e empurrou-a com a mão que tinha livre, soltando-a finalmente. Celaena tropeçou, com os pés calejados

a escorregar na superfície suave do chão enquanto se tentava endireitar. Olhou para trás e viu mais seis guardas aparecerem.

Catorze guardas, mais o capitão. O emblema dourado da realeza bordado no peito dos uniformes pretos. Eram membros da guarda pessoal da família real: impiedosos, lutadores exímios, soldados treinados desde a nascença para proteger e matar. Engoliu em seco. Simultaneamente atordoada e esmagada, Celaena encarou a sala. Num trono de madeira ornamentada estava sentado um jovem elegante e belo. O seu coração parou quando toda a gente se curvou numa vénia.

Estava em frente do príncipe herdeiro de Adarlan.

CAPÍTULO 2

— Alteza — disse o capitão da Guarda. Endireitou-se da vénia e removeu o capuz, revelando um cabelo curto cor de avelã. O capuz tinha sem dúvida a intenção de a intimidar para que se mantivesse submissa durante o percurso. Como se esse tipo de truque funcionasse com *ela*. Apesar da irritação, pestanejou ao ver-lhe o rosto. Era muito jovem!

O capitão Westfall não era excessivamente bonito, mas ela não conseguia evitar o interesse que lhe provocava a dureza do seu rosto e a leveza do castanho-dourado dos olhos. Inclinou a cabeça, agora dolorosamente consciente da sua miserável imundície.

— Esta é ela? — perguntou o príncipe herdeiro de Adarlan, e a cabeça de Celaena deu voltas quando o capitão acenou. Os dois olhavam-na, à espera da vénia. Ao ver que se mantinha ereta, Chaol balançou nos próprios pés, e o príncipe olhou para o seu capitão antes de elevar o queixo um pouco mais alto.

Curvar-me perante ele, pois sim!

Se estava com um pé na cova, não havia dúvida de que *não* iria gastar os últimos momentos da sua vida numa submissão humilhante.

Um tropejar de passos surgiu nas suas costas, e alguém a segurou pelo pescoço.

Celaena só teve o vislumbre de umas bochechas vermelhas e de um bigode cor de areia antes de ser atirada ao chão gélido de mármore. Uma dor embateu-lhe no rosto, um *flash* de luz estilhaçou-lhe a visão. Os braços doíam-lhe por ainda ter as mãos presas, o que impedia as articulações de se alinharem devidamente. Embora as tenha tentado impedir, lágrimas de dor brotaram.

— *Essa é a maneira correta de saudar o teu futuro rei* — disparou um homem de rosto avermelhado.

A assassina expôs os dentes agressivamente enquanto torcia a cabeça para ver o desgraçado ajoelhado ao seu lado. Era quase tão grande como o seu supervisor, vestido com vermelhos e laranjas que combinavam com o cabelo fino. Os olhos escuros brilhavam enquanto a mão dele lhe apertava ainda mais o pescoço. Se ela pudesse mover o braço direito apenas alguns centímetros, conseguiria desequilibrá-lo e agarrar-lhe na espada... As algemas enterravam-se-lhe no estômago, e uma raiva efervescente e borbulhante tornou-lhe o rosto vermelho.

Depois de um momento demasiado longo, o príncipe falou.

— Não compreendo muito bem porque força alguém a uma vénia quando o propósito do gesto é demonstrar lealdade e respeito. — As suas palavras eram envoltas num manto glorioso de tédio.

Celaena tentou espreitar com um olho para o príncipe, mas só conseguiu ver um par de botas pretas, de pele, contra o chão branco.

— Não há dúvida de que *você* me respeita, duque Perrington, mas é desnecessário tanto empenho em forçar *Celaena Sardothien* a partilhar da mesma opinião. Você e eu sabemos muito bem que ela não nutre um grande amor pela minha família. Portanto, talvez a sua intenção seja humilhá-la. — Fez uma pausa, e ela poderia jurar que os seus olhos lhe caíram sobre o rosto. — Mas penso que já teve o suficiente. — Parou por mais um momento, e depois perguntou: — Não tem uma reunião com o tesoureiro de Endovier? Não quero que se atrase, especialmente depois de ter feito este caminho todo para se encontrar com ele.

Percebendo a dispensa, o torturador grunhiu e libertou-a. Celaena descolou o rosto do mármore, mas ficou deitada no chão até ele se levantar e sair. Caso conseguisse fugir dali, talvez caçasse aquele duque Perrington e lhe devolvesse a saudação amistosa.

Ao levantar-se, franziu a testa perante a impressão de terra que deixou no chão imaculado e ante o chocalhar das algemas a ecoar na sala silenciosa. Desde os oito anos, fora treinada para ser uma assassina, desde o dia em que o Rei dos Assassinos a encontrara quase sem vida nas margens de um rio gelado e a acolhera. Ela não se deixava humilhar por nada, muito menos por estar suja. Recuperando o orgulho, atirou a sua longa trança por cima de um ombro e ergueu a cabeça. Os olhos foram ao encontro dos do príncipe.

Dorian Havilliard sorriu para ela. Era um sorriso polido, e tresandava a charme treinado na Corte. Esparramado no trono, tinha o queixo

pousado numa mão, e a coroa dourada reluzia na luz suave. No seu gibão preto, um brasão dourado com o dragão real ocupava todo o espaço no peito. A capa vermelha caía graciosamente em redor dele e do seu trono.

No entanto, havia algo nos seus olhos, no azul penetrante — a cor das águas dos países do Sul — e na forma como eles contrastavam com o seus cabelos negros, que a fez parar. Era incrivelmente belo, e não podia ter mais de vinte anos.

Não é suposto os príncipes serem belos! São criaturas choramingas, estúpidas e repulsivas! Mas este... este... que injustiça ser da realeza e bonito.

Celaena balançou entre um pé e outro ao vê-lo franzir a sobrancelha, estudando-a também.

— Pensei que te tinha pedido para a lavares — disse ao capitão Westfall, dando um passo em frente. Ela tinha-se esquecido de que havia outras pessoas na sala. Olhou para os trapos que vestia e para a pele manchada, e não foi capaz de suprimir uma ponta de vergonha. Que estado miserável para uma rapariga que um dia havia sido bonita!

Num vislumbre, podia pensar-se que os seus olhos eram azuis ou cinzentos, talvez até verdes, dependendo da cor das roupas que vestia. Ao perto, no entanto, esta guerra de cores era ofuscada pelo brilhante alo dourado em redor das suas pupilas. Mas era o cabelo loiro que retinha a atenção da maioria, um cabelo que ainda mantinha um toque da sua antiga glória. Em resumo, Celaena Sardothien era abençoada com um punhado de traços atraentes que compensavam os restantes, na sua maioria, bastante comuns; e cedo, na adolescência, descobriu que, com a ajuda de cosméticos, as características banais poderiam facilmente igualar as extraordinárias.

Mas agora estava exposta, frente a Dorian Havilliard, como pouco mais do que um rato de esgoto! Sentiu o rosto aquecer quando o capitão Westfall falou.

— Não o quis fazer esperar.

O príncipe abanou a cabeça quando Chaol se aproximou dela.

— Não te incomodes ainda com o banho. Consigo ver-lhe o potencial.

— O príncipe endireitou-se, mantendo a atenção em Celaena. — Penso que nunca tivemos o prazer de sermos apresentados. Mas, como provavelmente já sabes, eu sou Dorian Havilliard, príncipe herdeiro de Adarlan, agora talvez príncipe herdeiro de quase toda a Erilea.

Ela ignorou a onda e o choque de emoções amargas que o nome lhe despertou.

— E tu és a Celaena Sardothien, a assassina mais grandiosa de Adarlan. Talvez a maior assassina em toda a Erilea. — Estudou-lhe o corpo tenso antes de elevar as sobranceiras pretas e bem cuidadas. — Pareces demasiado jovem. — O príncipe pousou os cotovelos nos joelhos. — Tenho ouvido algumas histórias fascinantes sobre ti. O que estás a achar de Endovier depois de teres vivido em tamanho excesso em Rifthold?

Cabrão arrogante.

— Não podia estar mais feliz — murmurou, enquanto as suas unhas destroçadas se cravavam nas palmas das mãos.

— Passado um ano, pareces estar mais ou menos viva. Pergunto-me como será isso possível, já que a esperança média de vida nestas minas é de um mês.

— Um mistério e tanto, tenho a certeza. — Celaena pestanejou e reajustou as algemas como se fossem luvas.

O príncipe voltou-se para o seu capitão.

— Tem uma língua solta, não? E não soa como um membro da ralé.

— Espero bem que não! — interveio Celaena.

— Alteza — disparou Chaol Westfall.

— O quê? — perguntou Celaena.

— Deves tratá-lo como «Alteza».

Celaena sorriu com sarcasmo, e depois voltou a atenção para o príncipe. Dorian Havilliard, para sua surpresa, riu.

— Tu sabes que *agora* és uma escrava, não sabes? A tua sentença não te ensinou nada?

Ela teria cruzado os braços se estivessem livres.

— Não vejo como é que trabalhar numa mina pode ensinar alguma coisa, a não ser a maneira de pegar numa picareta.

— E nunca tentaste fugir?

Um sorriso lento e malévolos espalhou-se pelos lábios dela.

— Uma vez.

As sobranceiras do príncipe elevaram-se, e ele voltou-se para o capitão Westfall.

— Não fui informado disso.

Celaena olhou para Chaol por cima do ombro e viu-o lançar ao príncipe um olhar apoloético.

— O capataz-chefe informou-me esta tarde que houve *um* incidente. Há três meses...

— Quatro meses — interrompeu ela.

— Há quatro meses — disse Chaol —, depois de a Sardothien chegar, tentou fugir.

Celaena esperou pelo resto da história, mas era óbvio que ele já tinha terminado.

— Essa nem sequer é a melhor parte!

— Há uma «melhor parte»? — perguntou o príncipe, rosto apanhado entre um franzido e um sorriso.

Chaol olhou-a antes de falar.

— Não há qualquer esperança de escapar de Endovier. O seu pai assegurou-se de que cada uma das sentinelas de Endovier consegue atirar sobre um esquilo a duzentos passos de distância. Tentar fugir é suicídio.

— Mas tu estás viva — disse-lhe o príncipe.

O sorriso de Celaena esmoreceu quando uma memória voltou.

— Sim.

— O que aconteceu? — perguntou Dorian.

Os olhos dela tornaram-se frios e duros.

— Passei-me.

— É tudo o que tens a dizer como explicação para o que fizeste? — exigiu o capitão Westfall. — Ela matou o seu vigilante e 23 sentinelas antes de a apanharem. Estava à distância de *um dedo* da parede antes de os guardas a deixarem inconsciente.

— E então? — disse Dorian.

— E então? — repetiu, furiosa. — Sabes a que distância está essa parede das minas? — Ele mirou-a com um olhar vazio.

Ela fechou os olhos e suspirou de forma dramática.

— Desde o meu poço, eram mais de cem metros. Arranjei quem fosse medir.

— E então? — repetiu Dorian.

— Capitão Westfall, até onde conseguem ir os escravos desde as minas quando tentam escapar?

— Um metro — murmurou ele. — Normalmente as sentinelas de Endovier abatem um homem antes de ele conseguir mover-se um metro.

O silêncio do príncipe não era a reação que ela tinha desejado.

— Sabias que era suicídio — disse ele por fim, já sem qualquer traço de satisfação.

Talvez tenha sido má ideia falar da parede.

— Sim — disse.

— Mas eles não te mataram.

— O teu pai ordenou que eu devia ser mantida viva tanto tempo quanto possível, para suportar a miséria que Endovier dá em tanta abundância. — Um arrepio, que nada tinha que ver com a temperatura, trespassou-a. — Nunca tive a intenção de fugir. — O esgar de pena que lhe viu nos olhos deu-lhe vontade de o agredir.

— Tens muitas cicatrizes? — perguntou o príncipe. Ela encolheu os ombros e sorriu, forçando uma mudança no ambiente da conversa enquanto se escapava do centro das atenções. — Vira-te, e deixa-me ver as tuas costas. — Celaena franziu o sobrolho, mas obedeceu enquanto ele caminhava até ela, Chaol também deu alguns passos. — Não consigo distingui-las no meio desta sujidade toda — disse o príncipe, inspecionando a pele que se via através dos rasgos da camisola. Ela franziu a testa com hostilidade, e franziu-a ainda mais quando ele disse: — E que fedor horrível!

— Quando não se tem acesso a banho e a perfume, suponho que não se consegue cheirar de maneira tão requintada como vós, *Alteza Real*.

O príncipe produziu um pequeno som com a língua e fê-la circular devagar. Chaol — e todos os guardas — observava-os com a mão presa ao punho da espada. Como bem o deviam fazer. Em menos de um segundo, ela podia pôr os braços por cima da cabeça do príncipe e esmagar-lhe a garganta com as algemas. Talvez até valesse a pena, só para ver a expressão na cara de Chaol. Mas o príncipe continuou, ignorante do quão perigosa era aquela proximidade com ela. Talvez devesse sentir-se insultada.

— Daquilo que consigo ver — disse ele —, há três cicatrizes grandes... e talvez algumas mais pequenas. Não tão terrível quanto esperava, mas... bem, os vestidos conseguem cobri-las, acho eu.

— Vestidos? — Ele estava tão próximo que ela conseguia ver-lhe os detalhes finos dos filamentos no casaco, e cheirar, não perfume, mas a cavalos e ferro.

Dorian sorriu.

— Que olhos impressionantes tens! E o quão furiosa estás!

A uma distância que possibilitava o estrangulamento do herdeiro da Coroa de Adarlan, filho do homem que a sentenciou a uma morte lenta e miserável, o autocontrolo de Celaena balançava num equilíbrio frágil, dançava no limite de um precipício.

— Exijo saber — começou, mas o capitão da Guarda puxou-a para trás, afastando-a do príncipe com uma força capaz de partir ossos. — Eu não o ia matar, seu palhaço.

— Toma cuidado com o que deixas sair dessa boca antes que eu te atire de volta para as minas — disse o capitão de olhos castanhos.

— Oh, não acho que o fizesses.

— E porque não? — devolveu Chaol.

Dorian caminhou para o seu trono e sentou-se, com um brilho nos olhos safira.

Ela olhou de um homem para o outro e endireitou os ombros.

— Porque há alguma coisa que queres de mim, algo importante o bastante para vires aqui em pessoa. Não sou idiota, embora tenha sido suficientemente estúpida para ser capturada, e consigo ver que isto é uma espécie qualquer de plano secreto. Por que outra razão deixarias a capital e te aventurarias até tão longe? Durante todo este tempo, estive a testar-me para saber se estou física e mentalmente sã. Bem, eu sei que ainda estou sã, e que não estou louca, independentemente do que o incidente com a parede possa sugerir. Por isso, se não estou destinada ao cada-falso, exijo que me digam por que motivo estais aqui, e quais os serviços que pretendeis de mim.

Os homens trocaram olhares. Dorian juntou as mãos pelas pontas dos dedos.

— Tenho uma proposta para ti.

O peito dela apertou-se. Nunca, nem nos seus sonhos mais utópicos, tinha imaginado que uma oportunidade para falar com Dorian Havilliard iria surgir. Poderia matá-lo tão facilmente, rasgar aquele sorriso da cara dele... podia destruir o rei como ele a tinha destruído a ela...

Mas talvez a proposta que tinha pudesse levar a uma fuga. Se ela chegasse ao outro lado da parede, haveria de conseguir. Correr e correr e desaparecer pelas montanhas e viver em solidão no verde-escuro da natureza selvagem, com uma tapete de agulhas de pinheiro e um cobertor de estrelas sobre a cabeça. Podia fazê-lo. Só precisava de ultrapassar a parede. Já tinha chegado tão perto antes...

— Sou toda ouvidos — foi tudo o que disse.

CAPÍTULO 3

Os olhos do príncipe brilharam, divertidos com a audácia dela, mas ficaram demasiado tempo fixados no seu corpo. Celaena poderia cravar-lhe as unhas na cara só por olhar para ela daquela forma. No entanto, o facto de ele se ter incomodado e de a ter *olhado*, estando ela naquele estado imundo... um sorriso lento espalhou-se-lhe pelo rosto.

O príncipe cruzou as suas longas pernas.

— Deixem-nos — ordenou aos guardas. — Chaol, fica onde estás.

Celaena aproximou-se alguns passos enquanto os guardas saíam, fechando a porta. Má, má decisão. Mas o rosto de Chaol mantinha-se cerrado e impossível de ler. Não era possível que ele acreditasse honestamente que a conseguiria controlar. Se ela tentasse fugir! Ela endireitou as costas. O que é que estariam eles a planear que os tornava tão irresponsáveis?

O príncipe riu.

— Não pensas que é demasiado arriscado seres tão ousada comigo quando é a tua liberdade que está em jogo?

De todas as coisas que poderia ter dito, era por *aquela* que menos esperava.

— A minha liberdade? — Ao som da palavra, viu uma paisagem de pinho e neve, de falésias banhadas pelo sol e mares cobertos de branco, uma terra onde a luz era engolida no verde aveludado de montes e cavernas — uma terra que ela tinha esquecido.

— Sim, a tua liberdade. Portanto, recomendo-te, Menina Sardothien, que controles a tua arrogância antes que acabes de volta às minas. — O príncipe descruzou as pernas. — Embora talvez essa tua atitude até

se venha a revelar útil. Não vou fingir que o império do meu pai foi construído sobre pilares de confiança e compreensão. Mas tu já o sabes. — Os dedos dela enrolaram-se enquanto esperava que continuasse. Os olhos dele encontraram os dela, inquisitivos, absortos. — O meu pai meteu na cabeça que precisa de um campeão.

Demorou um delicioso momento para ela compreender. Celaena inclinou a cabeça para trás e riu.

— O teu pai quer que *eu* seja o seu campeão? O quê? Não me digas que consegui eliminar todas as almas nobres por aí fora! Com toda a certeza, haverá por aí *um* cavaleiro honrado, um *Lord* de coração bravo e corajoso.

— Atenção a essa tua boca — avisou Chaol atrás dela.

— E então e tu, hã? — disse ela, levantando a sobancelha para o capitão. Oh, seria engraçado de mais! *Ela*... o campeão do rei! — O nosso amado rei acha que não tens o que é preciso?

O capitão levou uma mão à espada.

— Se conseguisses estar calada, ouvirias o resto do que Sua Alteza tem para dizer.

Ela encarou o príncipe.

— Então?

Dorian recostou-se no trono.

— O meu pai precisa de alguém que ajude o império... alguém que o ajude a contornar pessoas difíceis.

— Queres tu dizer: precisa de um lacaios para fazer o trabalho sujo.

— Se o queres pôr dessa forma mais grosseira, então, sim — disse o príncipe. — O seu *campeão* iria manter os oponentes sossegados.

— Tão sossegados como as campas — disse ela com doçura.

Um sorriso tocou os lábios de Dorian, mas ele manteve o rosto composto.

— Sim.

Trabalhar para o rei de Adarlan como um servo leal. Ela elevou o queixo. Matar *por* ele, ser um dente na boca do monstro que já tinha consumido metade de Erilea...

— E se eu aceitar?

— Nesse caso, seis anos volvidos, ele irá conceder-te a liberdade.

— Seis anos! — Mas a palavra «liberdade» ecoou nela mais uma vez.

— Se recusares — disse Dorian, antecipando a dúvida seguinte —, permanecerás em Endovier.

Os olhos safira dele tornaram-se duros, e ela engoliu. *E aqui morrerás*, era o que ele não precisava de acrescentar. Seis anos como o punhal do rei... ou o resto da vida em Endovier.

— No entanto — disse o príncipe —, há um senão. — Ela manteve o rosto neutro enquanto ele mexia no anel que ostentava no dedo. — O cargo não está a ser-te oferecido. Ainda. O meu pai pensou num bocadinho de diversão. Está a organizar uma competição. Convidou 23 membros do seu Conselho para que cada um deles patrocinasse os treinos de um potencial campeão no castelo de vidro e, por fim, a competição num duelo. Se venceres — disse num meio-sorriso —, serás *oficialmente* o Assassino de Adarlan.

Ela não lhe devolveu o sorriso.

— Quem, exatamente, são os meus concorrentes?

Ao ver-lhe a expressão, o sorriso do príncipe esmoreceu.

— Ladrões e assassinos e guerreiros de toda a Erilea. — Ela abriu a boca, mas ele interrompeu-a. — Se venceres e provares que és habilidosa e digna de confiança, o meu pai *jura* conceder-te a liberdade. E, enquanto fores o seu campeão, receberás um salário considerável.

Ela quase não lhe ouviu as últimas palavras. Uma competição! Contra uns zés-ninguém vindos de... só Deus sabe de onde! E assassinos!

— Que outros assassinos? — exigiu saber.

— Nenhum de quem eu tenha ouvido falar. Nenhum tão famoso como *tu*. E isso lembra-me de mais um pormenor... não vais competir como Celaena Sardothien.

— O quê?

— Vais competir sob pseudónimo. Suponho que não ouviste nada sobre o que se aconteceu depois do teu julgamento.

— É difícil receber notícias quando se é escravo numa mina.

Dorian riu, balançando a cabeça.

— Ninguém sabe que a Celaena Sardothien é apenas uma jovem rapariga — todos pensam que és muito mais velha.

— O quê? — perguntou de novo, o rosto dela a corar. — Como é que isso é possível? Devia estar orgulhosa de o ter conseguido manter em segredo, mas...

— Mantiveste a tua identidade em segredo ao longo destes anos em que andaste por aí a matar toda a gente. Depois do teu julgamento, o meu pai pensou que seria... prudente não informar Erilea de quem tu és. Ele quer que continue assim. O que diriam os nossos inimigos se soubessem que tínhamos ficado petrificados por causa de uma miúda?

— Então estou em escravatura neste sítio miserável por um nome e por um título que nem sequer me pertencem? Quem é que toda a gente *acredita* que é o Assassino de Adarlan?

— Não sei, nem me importa saber. Mas o que *sei* é que tu eras a melhor, e que as pessoas ainda sussurram ao pronunciar o teu nome. — Ele colou o olhar nela. — Se estiveres disposta a lutar em meu nome, a ser o *meu* campeão durante os meses de duração da competição, vou fazer de tudo para garantir que o meu pai te liberte após *cinco* anos.

Embora ele o tenha tentado esconder, podia ver-lhe a tensão no corpo. Queria ouvi-la dizer «sim». Precisava tanto que dissesse «sim» que estava disposto a negociar com ela.

Os olhos dela começaram a brilhar.

— O que é que queres dizer com «*eras* a melhor»?

— Estás em Endovier há um ano. Já ninguém sabe o que ainda és capaz de fazer.

— Sou capaz de muito, obrigada — disse, espicaçando as unhas destruídas. Tentou não estremecer por toda aquela a sujidade entranhada nelas. Quando teria sido a última vez em que tinham estado limpas?

— Isso está ainda para se ver — disse Dorian. — Vais saber dos detalhes da competição quando chegarmos a Rifthold.

— Apesar do enorme *gozo* que vocês, nobres, vão ter a apostar em nós, esta competição parece-me desnecessária. Por que raio não me contratam logo, e pronto?

— Como acabei de dizer, tens de provar que és merecedora.

Ela pôs uma mão na anca, e as correntes fizeram-se ouvir em alto som pela sala.

— Bem, acho que ser a Assassina de Adarlan excede qualquer tipo de prova de que possas precisar.

— Sim — disse Chaol, com os olhos de bronze a reluzir. — Prova que és uma criminosa, e que não devemos confiar-te de imediato os assuntos pessoais do rei.

— Eu dou a minha palavra de honr...

— Duvido que o rei aceite a palavra do *Assassino de Adarlan* como garantia.

— Sim, mas não vejo por que razão tenho de passar pelo treino e pela competição. Quer dizer, é óbvio que estou ligeiramente... fora de forma, mas... o que é que esperavam quando tudo o que tenho para fazer neste sítio envolve rochas e picaretas? — Ela lançou um rápido olhar de desdém a Chaol.

Dorian franziu as sobrancelhas.

— Então, não vais aceitar a proposta?

— É claro que vou aceitar a proposta — disparou. Os pulsos puxaram as algemas com força suficiente, o que lhe fez os olhos lacrimejar. — Vou ser o teu estúpido campeão, se concordares em me libertar em três anos, não cinco.

— Quatro.

— Fechado — disse ela. — É uma pechincha. Posso estar a trocar uma forma de escravidão por outra, mas não sou nenhuma idiota.

Celaena poderia recuperar a sua liberdade. *Liberdade*. Sentiu o ar fresco do mundo aberto, a brisa que soprava das montanhas e que a levava para longe. Poderia viver longe de Rifthold, a capital do que em tempos havia sido o seu reino.

— Espero que estejas segura — respondeu Dorian —, e que estejas à altura da tua reputação. Antecipo uma vitória, e não vou ficar satisfeito se me fizeres parecer mal.

— E se eu perder?

O brilho desapareceu-lhe dos olhos quando ele disse:

— Serás reenviada para aqui, para cumprir o que te restar da sentença.

As visões idílicas de Celaena explodiram como o pó de um livro subitamente fechado.

— Então mais vale atirar-me pela janela. Um ano neste sítio reduziu-me a isto... imagina o que vai acontecer. Vou estar morta no meu segundo ano. — Inclinou a cabeça. — A tua oferta parece-me suficientemente justa.

— Justa, de facto — disse Dorian, e fez um leve aceno a Chaol. — Leva-a para o quarto dela e trata de a lavar. — Fitou-a com uma mirada. — Partimos para Rifthold logo pela manhã. Não me desiludas, Sardothien.

Era uma parvoíce, óbvio. Quão difícil poderia ser ofuscar, superar e depois obliterar os seus concorrentes? Ela não sorriu, porque sabia que, se o fizesse, iria abrir um reino de esperança que há muito tinha fechado. Mas, ainda assim, teve vontade de pegar no príncipe e dançar. Tentou pensar numa música, tentou invocar uma melodia de celebração, mas só conseguia lembrar-se de uma linha solitária que pertencia a uma das melancólicas canções de trabalho de Eyllwe, profunda e lenta como mel a sair de um jarro: *E finalmente voltar para casa...*

Não notou quando o capitão Westfall a levou, nem reparou quando caminharam corredor após corredor.

Sim, ela iria... para Rifthold, para onde quer que fosse, até atravessaria os Portões de Wyrld para o Inferno, se esse fosse o caminho para a liberdade.

Afinal, não se é o Assassino de Adarlan por um mero acaso.